

### Meditações – III

E arrastaram os botes  
para remendar os remos  
as velas rotas.  
Sustentam nos braços  
o tempo e os pássaros  
a terra grávida.

O sal arde sobre os ombros.  
As lágrimas humedecem os olhos.  
Os elementos diluem-se no abismo das coisas.

Quilhas e cascos servindo de abrigo,  
e os moluscos incrédulos  
entreabrem as conchas  
espreitando a imensidão dos dias.  
Ao longe  
na cidade imersa  
em lamentos  
repete-se o refrão  
ao longo da canção!  
A distância que nos separa  
das enseadas da terra,  
as rochas em redor das pedras  
envolvendo a maresia,  
o vazio, as ruas poeirentas  
onde o ébano possui a noite,  
só o vazio  
o completo vazio da existência  
e os mastros vergados  
o pavor e os óbitos, a elegia toda  
o epitáfio dos deuses, as horas minguadas  
o vento forte, os chifres da cabra  
no tambor dos anjos, transbordar o inútil  
a última folha amarela, tudo isso é inútil.  
e a invalidez do dia,  
meus olhos cegos, observam  
fixamente o brilho das coisas.

O fogo estende  
o tronco em chamas  
para dentro da brasa.

António de Névada,  
in *Esteira cheia ou o abismo das coisas*,  
Braga, Angelus Novus, L.da, 1999.

*António de Névada é pseudónimo de Neves, António Manuel Barbosa Brito, engenheiro, poeta, açoriano de afeição, natural de Lisboa. Viveu em Cabo Verde, reside e trabalha em Angra do Heroísmo, ilha Terceira.*